

Estratégias de desenvolvimento, mineração e desigualdades: cartografia social dos conflitos que atingem povos e comunidades tradicionais na Amazônia e no Cerrado

POVOS TRADICIONAIS INDÍGENAS DO VALE DO JAVARI



**BOLETIM
INFORMATIVO**

3



Edição: Fevereiro de 2020

Coordenação Geral

Patrícia Maria Portela Nunes
Cynthia Carvalho Martins
Emmanuel de Almeida Farias Júnior
Alfredo Wagner Berno de Almeida

Apoio/financiamento: Climate and Land Use Alliance - CLUA

Edição e Coordenação dos trabalhos

Reginaldo Conceição da Silva, Rodrigo Oliveira Braga Reis

Equipe de pesquisa de campo

Reginaldo Conceição da Silva, Rodrigo Oliveira Braga Reis
Matheus Acosta da Silva, Bruno Lázaro Franco Dias
Elenilson Peres Holanda, Maria Rita de Cássia Lima da Silva

Equipe de Pesquisa de Laboratório

Jonas Dias de Souza, Pedro Henrique Coelho Rapozo,
Máximo Alfonso Rodrigues Billacrês, Jailson Franco Aguiar,
Taciana de Carvalho Coutinho, Mateus da Silva Teixeira,
Antonia Ivanilce Castro da Silva, Simone Martins de Souza,
Brian Angelo Sandoval Sanches, Samandra Moura Rocha,
Breno Patrick Franco Dias, Armando Freire da Costa Neto,
Janilson Gonçalo Rubem, Luís Augusto Pereira Lima

Observadores

Pe. Alberto Panichella (Igreja Católica)
Irisson Neves (CTI/UNIVAJA)
Cristina Larrain (CIMI)
Marta Barral Nieto (Pastoral Indigenista)

Edição

Reginaldo Conceição da Silva
Matheus Acosta da Silva,
Brian Angelo Sandoval Sanches
Fabiana da Silva Martins

Transcrições

Matheus Acosta da Silva, Thiago Eduardo Castelo Branco
Hayde, Elenilson Peres Holanda, Maria Rita de Cássia Lima
da Silva, Armando Freire da Costa Neto, Simone Martins de
Souza, Samandra Moura Rocha, Bruno Lázaro Franco Dias

Fotografias

Reginaldo Conceição da Silva, Rodrigo Oliveira Braga Reis,
Matheus Acosta da Silva, Elenilson Peres Holanda,
Bruno Lázaro Franco Dias

PNCSA/UFAM

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Coordenação Geral

Prof. Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida (UEMA/UEA, CNPq)
Profª. Drª. Cynthia de Carvalho Martins (PPGCSPA/UEMA)
Profª. Drª. Rosa Acevedo Marin (UFPA/NAEA/PNCSA)

Cartografia

Janilson Gonçalo Rubem, Jailson Franco Aguiar
Mateus da Silva Teixeira, Luís Augusto Pereira Lima

Revisão Cartográfica

Reginaldo Conceição da Silva, Rodrigo Oliveira Braga Reis, Luís
Augusto Pereira Lima

Projeto Gráfico e Editoração

Marcela Costa de Souza

Capa

Murana Arenillas

Participantes das oficinas: 1ª etapa

Joice Unan Mayuruna, Milton Mean Mayuruna, Make Bush
Matis, Marquizele Duny Mayuruna, Paulo Fancisco Cruz
Marubo, Raul Dunu Mayuruna, Delcimar Tamakorih Magalhães
Kanamari, Benedito Kanamari, Bina Mena Mante Matis, Cleber
Nakua Mayuruna, Pana Tumi Mayuruna, Carlos Decha
Mayuruna, Aldemar Decha Mayuruna, Manoel Tanapi
Mayuruna, Raimundo Mean Mayuruna, Darcy Duarte Comapa,
Everton Oliveira Reis, José Lucas Nascimento, Higson Dias
Castelo Branco, Marcos Paulo Gonçalves Fortz, Gilmar
Nascimento Santos Marubo, Rodrigues Pemen Mayuruna
Tumim Manque Matis, Varnei da Silva Tavares Kanamari

Participantes das oficinas: 2ª etapa

Alciney Rodrigues Doris, Aldeney Mario da Silva, Altanir Oliveira
Cruz Marubo, Americo Barbosa Da Silva, André Nascimento
Doles Marubo, André Ribeiro de Souza, Benedito Dionísio da
Silva Ferreira, Carlos Binan Mayuruna, Elania Dias Castelo
Branco, Eudirei Melo dos Santos, Francisco Dio-o Kanamary,
Francisco Manuel Bai Mayruna, Francisco Sebastião Kanamary,
Gonçalo Borges Carvalho, Jaime Doles dos Santos, João Epe
Mayruna, José Augusto, José Ninha Tavares Kanamari, José
Sebastião Nascimento Marubo, Josemar Doles Comapa
Marubo, Joseney Miguel Carlos, Kevin Rodrigues Abensur, Make
Bush Matis, Manoel Gomes Cavalcante, Manuel reis, Maria José
Lopes Magalhães, Mauro Mayuruna, Moaci Barbosa da Silva,
Oseias Gomes Farias Da Silva, Paulo Nascimento, Pedro Miguel
Brasil, Reinaldo Mario Da Silva, Roberto Domingos Doles,
Walmir Cruz Da Silva Marubo, Nilo Barbosa da Silva

FICHA CATALOGRÁFICA

B688 Boletim Estratégias de desenvolvimento, mineração e desigualdade: cartografia social dos conflitos que atingem povos e comunidades tradicionais na Amazônia e no Cerrado / Povos tradicionais indígenas do Vale do Javari. – N. 3 (fev. 2020). – São Luís: UEMA Edições/PPGCSPA/PNCSA, 2020.

Irregular.

Coordenação Geral da Pesquisa: Patrícia Maria Portela Nunes, Cynthia de Carvalho Martins, Emmanuel de Almeida Farias Júnior e Alfredo Wagner Berno de Almeida.

Coordenação da Pesquisa deste boletim: Reginaldo Conceição da Silva, Rodrigo Oliveira Braga Reis, Matheus Acosta da Silva, Bruno Lázaro Franco Dias, Elenilson Peres Holanda e Maria Rita de Cássia Lima da Silva.

ISSN: 2675-2263

1. Povos indígenas. 2. Conflitos. 3. Amazônia. I. Título.

CDU: 528.9.912



Apresentação dos Croquis (1ª Etapa da Oficina)

Problemas de Mineração

No Peru que é onde nós ouvimos que nossos pais também vivem Mayuruna, e nós também tem lote que 'tá' vendendo 136, 135 'tá' entrando um pessoal de outros países que faz parte da mineradora nosso do Brasil mesmo não contei isso. (...) Pode, seria sim porque 'tá' lotando agora recentemente eu ouvi antes de vir pra cá. Diz que o pessoal 'tá' forçando... o pessoal lá 'tá' querendo explorar território indígena no Peru. Mais isso afeta muito nossos rios, o único rio que tem lá, fronteira do PERU – BRASIL que o rio é importante então se entrasse lá e explorasse esse petróleo por que com certeza nós... (...) Isso é, então por isso nós tivemos várias reuniões, assim 4 em 4 anos. Reuniões não queria nós, do Povo Matsés, não queríamos aceitar a petroleira do Peru. Então reunimos do Peru – Brasil. (...) Isso, pra não entrarem nosso território pertencente a terra indígena. Aí tinha todas as ONGS, tinha várias organizações então nós ajudamos assim fazer documentos pra mostrar o chefe do petróleo que 'tá' querendo entrar nosso território, então assim mesmo 'tá' em função de gente que 'tá' querendo entrar então nós, mesmo assim nós discutimos lá do Peru sabe, do Brasil não, lá do Peru mesmo que é nosso vizinho. **(Borges Mayuruna).**

(...) Tão chegando perto, garimpeiros não, petróleo né? já tão marcando assim os lotes né? onde eles querem trabalhar, mais ainda não aconteceu ainda não. **(Lucas, presidente da organização das aldeias Marubo, Ituí).**

Importância da Cartografia Social

Bem sobre a Cartografia, é muito bom, nessa Cartografia vai tá todos os pontos né? Aonde existe invasores, aonde vai “tá” pontuado. Aonde existiu massacre. Pescador massacrando indígena, né?, Madeireiro massacrando os indígenas. Teve bastante chacina dentro do Vale do Javari. Em geral, tanto no povo Kanamari ou Matis, Marubo, etc. Então vai ser um trabalho bastante, é, bom né? para que Governo e aos demais vejam que não é o só o problema de saúde e educação no Vale do Javari. É um problema bem maior, onde envolve pescadores e madeireiros. Historicamente já como se relata no Vale do Javari foi demarcado uma área preservada, mas isso não existiu né, aparentemente as invasões continuam né, a retirada de quelônio, de caça, de pirarucu, em abundância vindo para a cidade de Benjamin Constant, Tabatinga, Atalaia do Norte. Então vai ter relato, vai ter ponto no mapa que isso vai ser relatado né? então eu acredito que as autoridades competentes tenham a sensibilidade e faça algo que venha ter uma fiscalização com mais rigor. Venha ter uma educação com mais rigor dentro dessas comunidades indígenas, dentro do território. Acredito que vai ficar bastante claro 'pros' governos né? Essa cartografia. (Higson Dias Castelo Branco).



Comunidade Tambaqui (Presença de madeireiros e caçadores ilegais)

Tudo que faltou no mapa que nós chegamos primeiro né? eu acrescentei mais o que faltou sobre as madeiras. Que o garimpeiro não acontece lá. Problema do é que o pescador entra na nossa área. Onde nos preservamos nossos lagos né? Ainda continuam invadindo lá ainda, isso “tá” tudo colocado no mapa que nós acrescentamos. O que faltou eu coloquei mais o que nós temos nossa aldeia (...) televisão, rádio comunicação, orelhão que nós temos lá, tudo isso nós colocamos. A língua que nós falamos na aldeia tudo isso nós identificamos no mapa (...) nossas copeiras velha que antigamente morávamos lá

'pra' dentro igarapé, onde tem Kanaã, onde os Kanamari passam os dias caçando. Acrescentamos no mapa também que eu lembrei no mapa ainda faltou 'pra' acrescentar sobre o atendimento da saúde né? (...) Primeiro eu observei, conversei com os parentes de lá, o cacique principalmente né? Convidei todos 'pra mim' construir esse mapa. Através do cacique, nós todo mundo eu 'chamei ele' né? Lideranças, cacique (...) ele explicar aquele lugar sagrado, onde pajé foi enterrado(...) 'pra' explicar sobre isso daí, também já acrescentamos no mapa também, identificamos né? tudo isso identificamos. **(Francisco Sebastião Kanamari)**.



2ª Oficina de Cartografia. Croquis da Aldeia Fruta-Pão

Através de mapa hoje pra mim é muito importante. Muito, muito mesmo. Através disso nós aprendemos o que são mapas né? os brancos aqui onde tem limite, os brancos vivem assim: tem suas casas, cada limite tem o seu quintal. Na aldeia é um pouco solto. Assim, por isso, através disso nós entendemos agora. Eu entendi o que são mapa, através de mapa nós temos que localizar, saber marcar onde que 'tá' aquele lugar (...) pode ser assim aquilo aconteceu né? tal lugar acontecendo, isso me buscou assim emocional. Assim me deu força, assim 'pra' eu conhecer esses mapas, aí eu 'tô' muito mesmo. Aprendi muito mesmo sobre mapa. Que fala muitos, marca aquele lugar, aquele tal campo, aquele tal igarapé, aquele tal ponto, tudo isso que aprendi é importante. Tem que saber esse mapa 'pra' mim é muito importante. **(Borges Mayuruna)**.

Histórico de Conflitos

Sim. No tempo dos seringueiros os parentes Kanamari, da minha etnia se envolvia na madeira junto com os madeireiros. Chamavam 'pra' trabalhar com eles no rio Pedra, foi uma família, duas famílias (...) lá que trabalhou com nós indígenas, com muita bebida, nesse tempo não tinha Frente de Proteção que fazia controle, entrava muita bebida alcoólica no rio Itacoáí no tempo da madeira. (...) viajando no rio Pedra, mais ou menos um dia de viagem, que foi assassinado o meu tio há muito tempo por causa de mulher, ele tentou defender a mulher dele mais o seringueiro não respeitou, os 'caras' eram muitos, os madeireiros eram muitos e matou ele a facada. **(Varnei da Silva Kanamari)**.



Aldeia São Luís (Presença de caçadores, pescadores e madeiros ilegais)

Problemas de Invasão nas terras indígenas

Fazendeiros 'tá' chegando perto da terra indígena, mais pra baixo... É mais ou menos ali onde fica o município de Ipixuna, lá 'tão' entrando os caçadores, lá já tem roça, assim [como] um tapirí dos caçadores, porque lá, a picada da terra indígena, passa bem próximo do Juruá. Não tem como eles respeitar assim, entendeu? por isso eles estão entrando mais 'pra' dentro da terra indígena. (Lucas, presidente da organização das aldeias Marubo do Ituí).



2ª etapa da Oficina de Cartografia. Estudantes indígenas da Pedagogia Intercultural - PARFOR da UEA.
Elaboração dos Croquis

Garimpo a gente não tem esse tipo de problema. Mais a gente escutou assim boatos de parente que anda lá pro [municípios de] Eirunepé e Ipixuna no rumo de Cruzeiro [do Sul, Acre] tem muitos os fazendeiros acreanos já passa do limite da terra indígena, entrando fazendo a fazenda, não tá respeitando o limite da terra indígena, isso o Estado tem que ver, também junto com a FUNAI pra ver isso, entra muito também no sul da terra indígena assim os caçadores também. **(Varlei da Silva Tavaricana Mari)**.

E cara, isso ai acontecia muito, muitos aonde é não tinha fiscalização do exército até IBAMA mesmo, até FUNAI que não tinha assim criado esses grupos teve muita invasão, os pecadores entravam até discutia com as próprias comunidade. (...) Discutia assim que os pessoal expulsava lá, tomava malhadeira, canoa deles, e assim eles não respeitava e agora que nós temos grupo como a FUNAI tem como é um local será fiscaliza equipe da FUNAI e onde chegou lá até acompanhado pelo exército brasileiro no momento agora pra mim melhorou, muito mesmo, para o nosso território que não 'tá' entrando por que o exército 'tá' fiscalizando. **(Borges Mayuruna)**.

Demarcação da Terra

Com a demarcação diminuiu muito, não foi cem por cento mais também mesmo com a terra demarcada ainda existe muito conflito. Também assim de invasores quando os colaboradores da Frente de Proteção do rio Ituí quando faz fiscalização nos rios Ituí, Itacoáí, eles prendem, traz 'pra' cidade, pra cá, quando os pescadores encontram os parentes na área indígena, o parente tenta tomar a arma deles. É, ameaçam dentro da área indígena. **(Varnei da Silva Kanamari)**



2ª Etapa da Oficina de Cartografia. Apresentação dos Croquis

Longo percurso para o saque dos benefícios e aposentadorias

[Para os aposentados da] nossa comunidade é um pouco sofrimento. [Pouco] Sofrimento não, 'tão' sofrendo mesmo, eles não têm o próprio barco (...), mas eles têm a pequena canoinha. Eles vão vindo no meio da chuva. Quando as pessoas comunicam 'pra' sacar, ele acha que cinco meses 'pras' aldeias, as pessoas sabem que tem que descer por sua conta mesmo, 'tá' descendo pra receber seu benefício.[...] quem não tem barco grande pra juntar esse pessoal, trazer pra sacar dinheiro próprio, né? Então própria a canoa ele compra faz um de 12 metros. É descendo e sofrendo. (...) É cada família, não é comunidade, por exemplo se vou ter meu irmão, 4 meu irmão eu tenho que reunir vamos descer, então por isso nós cobramos gasolina assim é R\$ 400,00 pra subir (...). E, nós gastamos assim, tem um timbo de 80 litros (...) eu gasto 3 timbos de descida. (...) Não, não dois timbos e meio (...) 5 cinco dias. **(Borges Mayuruna)**



Meio de transporte e abrigo temporário dos Povos Indígenas do Javari

Numa embarcação, [motor] treze, 'peque-peque', que é o que todos os indígenas tem no Javari, são cinco dias descendo, oito dias subindo, ao decorrer desses cinco dias baixando, a maioria deles já chegam desgastado com a alimentação, né? Alguns chegam doente, já contando nesse benefício, né? **(Higson Dias Castelo Branco, atual coordenador do povo Kanamari).**



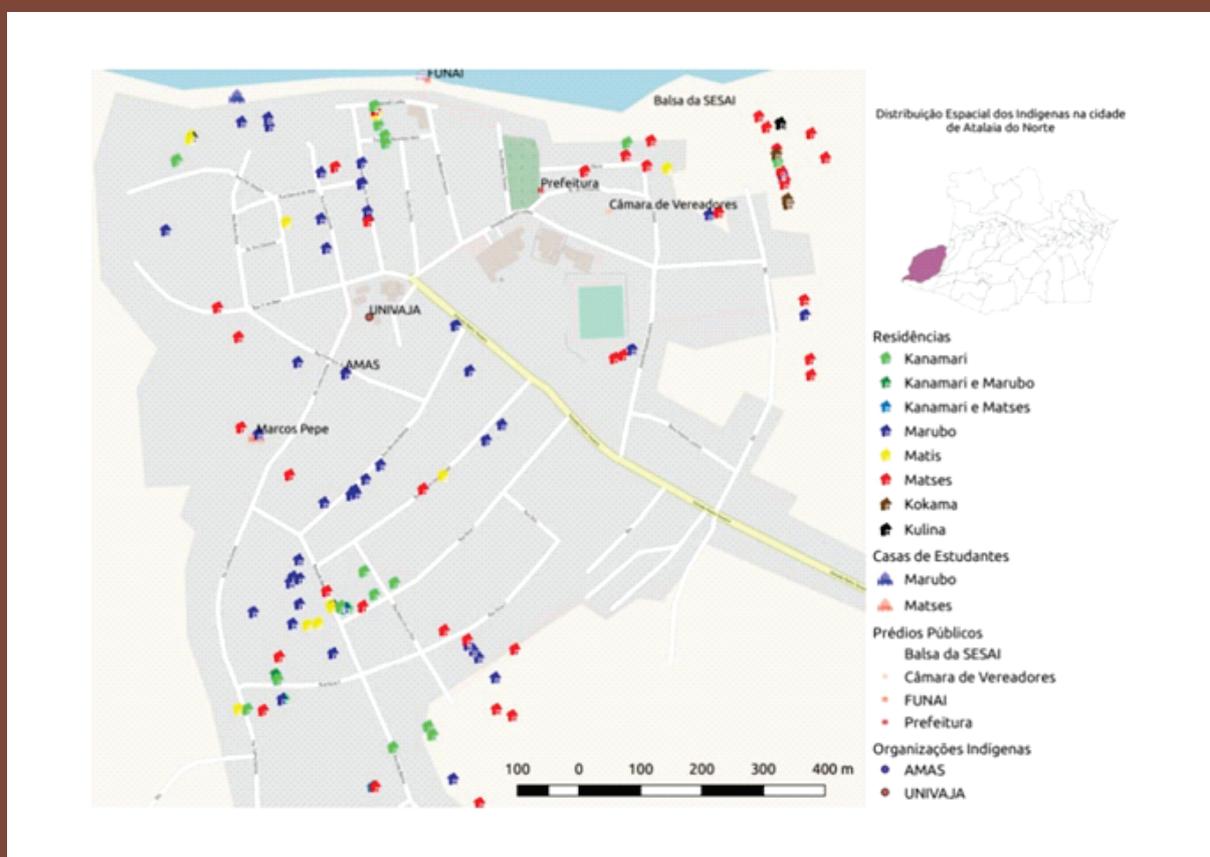
Canoa Kanamari em viagem pelo rio Itacoaí. (Reis, 2018)

Atendimento deficitário no recebimento do Benefício Social

Tem parente que passa até de dois meses esperando fazer seu benefício social. Quando não é o bloqueio de cartão, é o sistema que não existe, a internet muito péssima por parte de Bradesco, por parte de Caixa Econômica, então fica difícil a situação ao atendimento. (...) O resgate do bolsa família eles têm três meses...três meses, o aposentado tem até quatro meses, né? se o beneficiário do bolsa família não fizer esse saque, automaticamente será boqueado. E aí vem causar problema né? que o parente tem que baixar durante os três meses. Quanto [o tempo] poderia ser prolongado (...) que os parentes pudessem baixar pelo menos de seis em seis meses, né? além do valor que eles recebem de três meses quase nem paga a viagem deles, aí imagine comprar alimentação, né? e outras e outras coisas que eles imaginem que dê, né?, comprar sua roupa, enfim outras coisas, então isso vem acarretando bastante problema. Além de causar problema aqui dentro do município, né? (...) tem a questão do alcoolismo né? Enfim é um problema, é uma bola de neve. (Higson Dias Castelo Branco).

Indígenas na cidade

eu sei que meu povo Matsés vem, quando algum familiar vem, morar na cidade. Assim tem funcionário da FUNAI da Prefeitura (...) vem 'pra' comprar os objetos deles e voltar pra Aldeia. Mas eu não tenho como dizer das outras etnias. Mas eu vi várias etnias 'tá' morando em Atalaia, povo Matis, Kanamari, Marubo, Korubo..., (...) aonde que índios estão estudando na cidade aqui mesmo na UFAM na UEA então nós conhecemos assim não tem preconceito sabe?, por que são os amigos que fala (...) por que aonde os brancos não conheciam os índios falavam mal de índio. Assim, hoje atualmente claro que índio casa com não indígena e tal, então, por causa disso aí, eu não vi falando mal de índios. (Borges Mayuruna).



Mapeamento dos indígenas na cidade de Atalaia do Norte, FONTE: Reis (2019)

Discriminação com os indígenas

Bem a discriminação isso nunca vai ter um final aqui em Atalaia do Norte com os parentes, né? Eles são bem recebidos pelos patrões, mas pela população em geral eles não são bem recebidos, até porque uma vez que os parentes deixam, totalmente seus benefícios dentro do município né? (...) Existe a discriminação, tanto na cidade dos brancos, como os branco indo pra própria aldeia deles a trabalho, eles têm preconceito com todos os parentes. (**Higson Dias Castelo Branco**).



1ª Etapa da Oficina de Cartografia Social com Lideranças Indígenas

Pode dizer que índio casa com filhos de não indígena e o não indígena casa com índio. Então isso [discriminação] no meu ponto de vista diminuiu bem assim (...) fala que hoje é minha família, esse é meu parente isso que 'tá' acontecendo hoje em dia. (**Borges Mayuruna**).

Preocupação com os Povos Isolados

Sim, na região do rio, na fluente do rio Jutaí, a gente tem um grupo Kanamari que mora na aldeia Jarinau. Existe os índios isolados, índio isolado que 'nós chama' Jundiapá, esse grupo isolado Jundiapá foi aproximando no Jutaí, os Kanamari fizeram contato com eles agora já mora junto com os Kanamari mais ou menos 40 pessoas de Jundiapá. (**Varnei da Silva Kanamari**).



Apresentação de demandas

A gente nunca teve briga, confronto com eles, sempre a gente respeita o índio isolado por que eles não conhece o que está passando fora da terra indígena, mas nós, que já fomos contatados há muito tempo, sabemos o que tem fora da terra indígena. Por isso que a gente respeita o índio isolado, que 'tá' dentro do mato, e nós sabemos conviver com eles. Nós sabemos também compartilhar o território junto com eles, respeitando também o limite da terra deles, eles também percebem, eu acho, que a gente também ao nosso vestígio com certeza eles conhecem também quando a gente vai abrir o caminho o Canamã, com certeza eles conhecem. (Varnei da Silva Kanamari).



Participantes do Seminário sobre Políticas Públicas para Indígenas na cidade, 20 e 21/11/2019 em Atalaia do Norte. Em destaque (camisa de mangas vermelha) o vereador Gilson Mayuruna

Preservação e Problemas com os Recursos

Sim. Mas, alimentos ainda tem muito ainda mais quando eu tinha assim uns dez anos ou doze, sete ano por aí, eu via que os parentes não desciam pra cidade pra ter acesso aos benefícios, mas antes eu via aqueles parentes vivia muito tranquilo, fazia sua roça, pescava, comia mantendo a família, praticava sua cultura, isso era muito forte antes, mas em 2005 pra cá, pra esse ano 2019 mudou totalmente por que o benefício do governo chegou até a aldeia, agora todo mundo, assim os parentes já tem acesso ao benefício bolsa família, os mais velhos se aposentando, tem também de maternidade, tem também pensão por morte, isso que tá trazendo assim problema, está tendo um impacto cultural. (Varnei da Silva Kanamari).



Lideranças Kanamari durante a Etapa Local da 6ª CNSI. Aldeia Massapê, rio Itacoaí.

Sim, nesse caso né... e nós mesmos que pescamos e cuidamos do nosso igaurapé e nosso lago. Mais importante é nós cuidamos, da nossa alimentação e plantação também. (**Manoel Gomes Cavalcante Mayuruna** e eu sou professor).

Eu acho que é, porquê as vezes nós que tamos[estamos] cuidando né, pra que não acabasse nossos alimentos, peixe, pirarucu... (**Francisco Sebastião Kanamary**).

Denuncia contra a redução de quelônios por exploração abusiva

Antes meu avô contava, até meu pai conta também que no rio Javari tinha muito tracajá também. Hoje em dia não existe mais tracajá. Foi explorado, explorado e não teve um manejo e agora é muito raro encontrar o tracajá, tartaruga, o pitui, que chamam o 'mais pequeno', agora tá acabando mesmo assim no rio Itacoaí, no rio Ituí. (**Varlei da Silva Tavaricana Mari**).

Tem sim muitos animais, tá preservado... O que tá acabando agora é os quelônios. (**Lucas**, presidente da organização das aldeias marubo Ituí).

Educação na Comunidade

Uma coisa bem preocupante é a situação da educação, né? A educação como todo mundo sabe, nas aldeias, é bastante precária, né? Aí, a única forma de eles terem pouco de conhecimento, ou tentarem buscar um pouco de conhecimento, é migrar 'pra' cidade. Onde não é como eles imaginam na cidade, né? Na cidade existe a prostituição, o alcoolismo, né? As drogas, que o índio não tá preparado pra se deparar com essa situação, né? Com as drogas sintéticas do branco, que nem o branco mesmo é preparado pra receber esse tipo de situação, então nesse motivo, né? Nesse aspecto é muito complicada situação de todos os parentes na cidade. Se Governo do Estado e Município tivesse uma preocupação melhor e estruturasse as aldeias, tenho toda certeza de que isso não aconteceria dentro do município. (**Hibson Dias Castelo Branco**).



Formação de professores indígenas na cidade de Atalaia do Norte

A estrutura da escola não é um padrão(...) nas escolas é assim muito boa mesmo, então nós mesmos construímos nossas comunidades construída pra chuva, cobertura da palha então dentro dessa escola ai, nós iniciamos primeiro aonde tem pré [escolar] um, pré [escolar] dois, até segundo ano, nós só ensinamos em língua materna própria indígena e depois aonde terceiro ano nós começamos em língua portuguesa. Que são segunda língua que chama língua portuguesa. (...) criamos nossa própria língua, assim nós temos vários conteúdos escritos assim a nossa própria língua mesmo como geografia, como ciências, nós temos nossa língua então, isso que nós ensinamos pré [escolar] um até o segundo ano pra eles escreverem nossa própria língua, pra eles entenderem bem nossa língua, pra não esquecerem nossa própria nossa língua né. **(Borges Mayuruna)**.

Importância da Língua Materna

É mais importante é mapa, né? O mapa que eu produzi onde a fala na língua materna, é onde ensina na língua materna para que nossas línguas não perca, é mais importante é ensinar aos nossos alunos pra que nossas tradições continua a ser cada dia mais e fortalecer nossa cultura e a nossa tradição. Isso é o mais importante e por isso nós criamos. **(Manoel Gomes Cavalcante Mayuruna)**.



Comunidade São Sebastião



Aldeia Lobo



Aldeia Vida Nova



Comunidade Liberdade Novo

História do Lugar

Sim. Assim, há muito tempo, a gente morava todos juntos no rio Juruá. E assim 'a gente surgimos'. Os mais velhos nos contam nossa história do povo Kanamari. A gente, nós nascemos no rio Juruá aonde que fica a região, no município de Eirunepé. Nessa região aí, e agora, a gente já mora em vários lugares... a terra indígena já é dividida. Para nós, assim a gente não sente assim terra demarcada. 'Pra' nós, a terra é de todos nós do povo indígena. Então na chegada dos brancos no rio Juruá tinha muito conflito (exploração de borracha, de madeira) os brancos também não respeitavam as mulheres dos Kanamari. E teve muito conflito. Por isso, a família do Zepuriá, meu avô se mudou 'pro' Tacoái. Quando chegou no Tacoái não tinha nem os brancos, não indígena, não tinha nem os madeireiros e nem os seringueiros nessa época, foi o povo Kanamari que habitou o rio Itacoái primeiro, depois (**Varnei da Silva Kanamari**).

Histórico Cultural

Isso, são essas nossas culturas, costumes, respeitosamente respeitar tem que seguir aquelas regras que os velhos contam tem que respeitar as leis, como as leis dos brancos, né? Então tudo isso que nós tivemos é pra respeito da nossa cultura, né? Sabe, o povo Mayuruna estão respeitando hoje como o professor valorizando a nossa cultura tem que entender através dos professores valorizar nossa cultura. Valorizar nossos costumes, né? Até as crenças mesmo. Até clã, né? Clã é ponto principal, né? Até no mapa tem que citar o que são aquele clã, né? nos dividimos dois clãs dentro do mapa através de pintura, tende assim é, pintura da nação de onça eu sou nação de Makubó, né? Grande lagarta (**Borges Mayuruna**).

Estrutura de Serviços

É, na FUNAI tem estrutura. Só aí na base do Ituí mesmo. Fica na frente de Proteção... e estrutura só tem da SESAI. (...) escolas... ano passado assim estavam piores, né? Os professores cobravam muito da Prefeitura, mais esse ano 'tá' a equipe 'tão' lá na área. 'Tão' construindo a escola onde foi pedida, né? Dos Marubos, aí 'tão' fazendo a escola, pelo menos de madeira serve... (**Lucas**, presidente da organização das aldeias Marubo Ituí).

Acho que hoje só falamos Movimentos Indígenas que estão lutando assim para melhorar nossa aldeia até junto com FUNAI. Então, hoje nós não percebemos hoje assim a FUNAI falando mal de índio, agora nós somos bem atendidos. (...) Assim, eles estão faz o papel da FUNAI né, ajudando os índios a tirar documentos, certidão de nascimento, assim e tal, auxílio maternidade (...) (**Borges Mayuruna**).

Infraestrutura da Saúde

Bem, pensando na minha etnia, de [nota]1 a 9, é [nota] 0. É 0. Por parte do município, como hoje temos conhecimento, no hospital não existe se quer um paracetamol, né? 'Pra' enfrentar qualquer tipo de epidemia, hoje estamos enfrentando uma epidemia de vomito e diarreia. E o hospital de Atalaia do Norte não está preparado se quer 'pra' uma pequena epidemia que como hoje estamos se deparando. (**Hibson Dias Castelo Branco**).

A situação da saúde é hoje totalmente assim: até pouco tempo atrás a situação da saúde era muito pior através de hepatites, né? Que acontecia muitos problemas na aldeia às vezes pegava em três, três meses às vezes morria três, três pessoas é aonde faltava um técnico um médico assim é médico especialista, então nós se acontecia assim e nós conseguimos [falarmos] com autoridades pra atender esses povos indígenas na sua aldeia, né?, então hoje está indo. (**Borges Mayuruna etnia Mayuruna**).

Alojamento das Pessoas

Fica a mercê aí na beira, Né? Dormindo dentro das suas próprias canoas, uma as vezes a canoa superlotada de parente, de pessoas, né? Aí vem agravando a situação da doença, a diarreia, vômito, febre, malária, enfim. Vem acarretando uma porção de problemas. **(Higson Dias Castelo Branco)**.

Situações Diversas

O caçador não entra muito lá não. Só invasores do lago mesmo, pescador, tudo isso... É que faltou também a entrada do missionário, né? Mas só que não entra, lá na nossa comunidade não entra missionário lá não. Só Padre que entrava lá. Só que não faz nada com nós, né? Não proibia nossa língua. **(Francisco Sebastião Kanamari)**.

Sim, bem atendido, mas a única coisa que falta é a construção de farmácia, mas a educação nós já temos uma escola construída pela Prefeitura. **(Manoel Gomes Cavalcante Mayuruna)**.

Lixo na Comunidade

Sobre lixo, assim é totalmente diferente da cidade. Cidade pequena, vou citar um ponto principal. Eu vi na cidade de Atalaia [do Norte], eu vi no meio da rua assim jogado no lixo e tal. Na nossa Comunidade nós temos a um lugar para jogar aquele lixo. Né assim não, é material plástico nós não temos são materiais orgânicos, restos de comida, casca de banana, casca de milho, Né? um lugar assim 5 (cinco) metros de distância nós temos, mas assim tem um merenda que o SEMED manda essa enlatada. (...) Aí tinha enlatada eu sei que tem muitos por determinadas vez, então nós cavamos um buraco e jogamos enterramos aquele buraco se não jogar. (...) Não, não 10 (dez) metros da assim nossas aldeias, nossas casa, se nós jogássemos qualquer lugar com certeza vai contaminar né, então nós sabemos isso então não tem como jogar no meio da rua, então tem próprio lugar pra colocar aqueles[aquele] lixo. **(Borges Mayuruna)**.

MOVIMENTOS DAS PARTEIRAS

Presença das Parteiras

Parteiro, é homem e mulher né, explicamos tudo isso daí também, tava participando junto com um aluno... É um grupo né? aluno tava lá também, participou desse mapa também. **(Francisco Sebastião Kanamari)**.



Saúde tradicional



Maloca Matis localizada na aldeia Beija-Flor, rio Ituí. Atualmente os Matis não vivem mais no rio Ituí. (Reis, 2007)



II Encontro de Pajés e Curandeiros, realizado na aldeia Maronal, povo Marubo na região do alto rio Curuçá. (Reis, 2007)



Encerramento da primeira etapa da Oficina de Cartografia Social

BOLETIM INFORMATIVO

Estratégias de desenvolvimento, mineração e desigualdades:
cartografia social dos conflitos que atingem povos e comunidades
tradicionais na Amazônia e no Cerrado

1. Indígenas Gamela no Cerrado piauiense
2. Cartografia social do baixo Tocantins até sua foz no rio Pará, ao sul da ilha de Marajó: povos e comunidades tradicionais na rota dos grandes empreendimentos, no Pará
3. Povos tradicionais indígenas do Vale do Javari



Financiamento:



Climate and
Land Use Alliance

Realização:

PNCSA
Projeto Nova Cartografia
Social da Amazônia

Laboratório do
PNCSA UFFPI

NESAM
FUNAI-Atalaia do Norte

Apoio:



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO



UNIVAJA



UFAM